

COMBATE

A LIBERTAÇÃO DOS TRABALHADORES É OBRA DOS PRÓPRIOS TRABALHADORES

Barcouço - Beira Litoral Pequenos Agricultores Empenhados na Colectivação

BARCOUÇO, aldeia entre Coimbra e a vila da Mealhada, com cerca de mil habitantes - população essencialmente agrícola, embora alguns trabalhem nas fábricas da região. Alguns estudantes.

Os que trabalham a terra são, na sua grande maioria, pequenos agricultores. Duramente explorados e escravizados pelas tarefas árduas de quem não tem outro recurso para sobreviver do que trabalhar na terra, nas pequenas parcelas utilizando métodos medievais por falta de recursos.

Mas também, onde a exploração e a opressão encontram resistência. Logo a seguir ao 25 de Abril pensam na formação de uma cooperativa de produção agrícola. Ao fim de alguns meses de preparação, eis que se forma a COOPERATIVA DE PRODUÇÃO AGRO-PECUÁRIA COBAR, a partir da união de pequenos agricultores.

O COMBATE conversou com três sócios/produtores da COBAR. Também falámos com um estudante que colabora no incentivo e reforço da organização dos camponeses, trabalhando na secção sócio-cultural da cooperativa.

COMO NASCEU A COOPERATIVA

COMBATE - Para começar gostaria que algum de vocês descrevesse como é que apareceu, aqui no Barcouço, a ideia da formação de uma cooperativa de produção agrícola?

Trabalhador A - A ideia de formar a cooperativa apareceu porque a maioria das pessoas eram sócios de uma cooperativa que existe em Souselas, que é uma Adega Cooperativa. As pessoas já tinham a ideia que a cooperativa lhes podia dar mais qualquer coisa. A partir daí já levavam no espírito a ideia da cooperativa que nunca se chegou a pensar antes do 25 de Abril. Só depois do 25 de Abril é que um dia resolvemos fazer um plenário de agricultores para discutir o problema da

resinas. Resinas essas que antes de serem mais caras esse ano, eram mais baratas e nós revoltados com isso fizemos um plenário. Como vimos que havia muita gente e como conseguimos de facto unir o povo para a luta, aí nasceu a ideia de dizer se era possível ou não fazer uma cooperativa. As pessoas acharam uma boa ideia e nomearam uma comissão pró-cooperativa formada por três elementos. Esses indivíduos passaram depois a fazer uma campanha pró-cooperativa nos lugares vizinhos da freguesia, mas passaram alguns meses de todo esse trabalho acabaram por ter de desistir porque as condições das pessoas à volta da freguesia nesse momento não conseguiam ultrapassar certas coisas. Portanto, nós tivemos que pensar em fazer uma cooperativa

são com os indivíduos cá do Barcouço, porque de facto há cá um grande grupo de indivíduos capazes de avançar e de ultrapassar todas as dificuldades, até mesmo dificuldades de as pessoas estarem agarradas à terra e viver toda a vida da terra. Mesmo isso foi ultrapassado e conseguiu-se criar uma união forte, um grupo forte de indivíduos que não desanima, que nunca desanimou por nada, embora a gente tenha tido muitos boicotes, muitas dificuldades criadas propositalmente por determinados indivíduos, que são contra o processo e contra as cooperativas, porque estão a ver que a cooperativa do Barcouço irá fazer com que as pessoas se unam. Depois quando as pessoas se unirem todas, vão compreender como é que foram exploradas, tão roubadas durante todos estes anos e então sim, nessa altura, o fim dos explorados estará próximo. Precisamente por isso é que determinados indivíduos têm tentado tudo para destruir a cooperativa. Dizem que a cooperativa é de comunistas, que querem roubar as terras, que querem roubar os filhos, e portanto, criaram muitas dificuldades. Conseguiram até fazer com que pelo menos dois ou três indivíduos a-

creditassem. Indivíduos que estavam já mais ou menos dentro da organização. Mas agora há uma temporada para cá, deu-se precisamente o contrário. Quer dizer houve um comércio, aqui no Barcouço, do Partido Socialista onde de facto foi possível fazer ver ao povo que as pessoas que estão na cooperativa não são agentes de nenhum partido comunista, nem de qualquer outro. São sim trabalhadores, camponeses que querem melhorar as condições de vida, estão fartos de trabalhar para os outros e que estão dispostos a ir para a frente, custe o que custar. E mais ainda: nunca se deixaram ligar a qualquer partido, pois cada um tem as suas ideias políticas - há várias tendências políticas dentro da cooperativa - mas a política só existe cá fora e lá dentro não existe política nenhuma. As pessoas estão todas animadas do mesmo fim: uma sociedade nova, uma sociedade diferente, onde a gente possa viver, onde a gente possa criar condições para os nossos filhos e outras coisas mais que são necessárias para que haja realmente uma vida nova.

Neste momento a cooperativa já está a funcionar. Nós não temos nenhuma instalação. Cont. Págs. Centrais



UM 1º MAIO DE LUTA

Um 1º de Maio de luta, sem canções nem cames e bebes - ou melhor, como já se verá, com "cames" - teve-o um colaborador deste jornal, que ia pela rua, no Bairro Alto, vindo da nossa sede... Eis senão quando dois activos polícias saltam de um Volkswagen e sem mais discursos lhe deram uma carga de tarefa.

Não! Não era por ser nosso colaborador. Nem por ser alto nem baixo.

Era porque ia na rua, no Bairro Alto, que é sítio dito de "marginais", tascas e prostitutas. E porque era 1º de Maio e os polícias molharam a sopa onde puderam - já que, por enquanto, ainda não onde gostariam.

Ah! - dirão alguns pacatos cidadãos - mas isso foi num bairro mal afamado.

Por enquanto foi - respondemos nós.

O que aconteceu ao nosso camarada não difere do que acontece todos os dias a dezenas de pessoas nesses bairros - não porque neles há "marginais" (espanca-se o o Jaime Neves à saída da "Cova da Onça"?), mas porque são populares.

Não nos iludamos. A repressão começa sempre por este lado. O Bairro, os "marginais" e tudo isso são para ela o pretexto inicial. Daqui a uns tempos já não precisa de pretextos. A repressão aparecerá então sem desculpas nem pretextos - por todo o lado.

Quando a repressão política aparece não é o princípio do processo. É o fim. A repressão política aparece muito antes, em pequenos actos quotidianos que só pela nossa imprevidência passam despercebidos.

Um espancamento entre outros?

Quem quer esperar para ver?

Esperar? Mas nós não queremos ver!

ESPAÑHA: a luta tem de ser levada a cabo por todos

Publicamos a seguir uma entrevista com um camarada espanhol, trabalhador na COMPANIA TELEFÓNICA NACIONAL DE ESPAÑA, que nos relata a luta travada pelos trabalhadores daquela empresa em Janeiro e depois em Abril.

COMBATE - Quantos trabalhadores há na Companhia Telefónica?

Trabalhador - Cerca de 34.000.

COMBATE - E em Barcelona?

Trabalhador - Na capital 5.300 e em toda a Catalunha 8.400.

COMBATE - Em que secção trabalhas?

Trabalhador - Construções.

COMBATE - Qual é o tipo de trabalho?

Trabalhador - Consiste em prolongar linhas telefónicas, quer dizer, como as secções dos cabos são, mais ou menos de cem metros, nós ocupamo-nos dessas secções para dar continuidade aos cabos.

COMBATE - De quem é o capital da Telefónica?

Trabalhador - 44% do governo; 26% de accionistas privados e o resto pertence à ITT.

COMBATE - Quais foram as lutas da Telefónica antes de 1976?

Trabalhador - Em 1973 uns 800 trabalhadores de Barcelona entraram em luta por uma jornada seguida de reivindicações de tipo económico. Saíram derrotados por não terem apoio dos outros trabalhadores.

COMBATE - Fala-nos da luta actual. Como surgiu esta luta e porquê?

Trabalhador - Em Janeiro acabou o nosso Contrato Colectivo e como a vida havia subido muito, a Companhia disse-nos que o Contrato tardaria três ou quatro meses. Nós pedimos um ajuste económico a que a empresa se negou. Então, entramos em luta em que pedíamos seis mil pesetas até o Contrato sair. A luta em Janeiro foi dirigida por "Comisiones obreras" (Comissões operárias, sindicatos clandestinos).

COMBATE - Pertences à "Comision Obrera"?

Trabalhador - Sim.

Cont. Pág. 2

ESPAÑHA: luta na telefónica

Cont. Pág. 1

COMBATE - Como se formou essa "Comision Obrera"?

Trabalhador - Pelas pessoas mais interessadas na defesa dos interesses dos trabalhadores e que têm uma certa responsabilidade para com eles mesmos; geralmente é malta de grupos políticos de várias tendências. No total são umas quarenta ou cinquenta pessoas, donde se elegem comités: comité de greve, comité de informação, comité de expansão da luta. O comité de greve é uma assembleia maioritária, implantada na luta que faz todo o possível para a levar a cabo.

COMBATE - Como se fazem as reuniões das "Comisiones Obreras"?

Trabalhador - Reunem-se em igrejas, em andares vagos e num colégio. As reuniões por serem clandestinas fazem-se com medidas de segurança, como por exemplo, as convocações passam de pessoa a pessoa e uma vez no local cada quinze minutos, vai um à porta para ver se vê algum polícia ou algum suspeito.

COMBATE - Quais são as funções dos vários comités?

Trabalhador - O comité de greve encarrega-se de ir junto dos trabalhadores e explicar a necessidade da greve, como melhor medida de luta contra a empresa, em pequenas assembleias. O comité de informação encarrega-se de informar os meios de comunicação de como vai a luta e facilitar a informação a todos os trabalhadores.

COMBATE - Vocês entraram em greve em Janeiro. Quanto tempo durou esta greve e como se processou?

Trabalhador - A greve iniciou-se uma terça-feira, com paragem de meia hora progressiva até sábado, chegando à paragem total. Mas mesmo o comité de greve rompeu a greve porque a empresa das seis mil pesetas reivindicadas deu quatro mil. A greve durou quatro dias.

COMBATE - Quem tomou essa decisão?

Trabalhador - Tinha sido acordado que a decisão de voltar a trabalhar seria tomada em assembleia maioritária. Mas começou a circular o boato que nalguns sectores já se tinha começado a trabalhar e nós perdemos-nos. A Coordenação de Madrid-Barcelona-Bilbau não funcionou nada bem; e foi por isso que nós não mantivemos a luta. Inclusive os tempos de paragem foram diferentes em Madrid, Barcelona e Bilbau. A maioria dos trabalhadores decidiu não voltar às reuniões do sindicato, coisa que depois não aconteceu.

COMBATE - Vocês voltaram ao trabalho mas depois voltaram a entrar em greve em Abril. Como surgiu de novo a greve?

Trabalhador - Vendo o falhanço da greve anterior, numa assembleia maioritária decidiu-se o método a seguir nesta nova luta. Disse-se que não se desse ouvidos a boatos e outras coisas que pudessem romper com a unidade dos trabalhadores. Fizeram-se assembleias nos centros de trabalho elegeu-se um delegado e este foi a reuniões da Coordenadora das centrais de telefones na parte da tarde.

COMBATE - Onde foi essa assembleia?

Trabalhador - A assembleia foi no sindicato, mas o sindicato só deu o local.

A empresa disse-nos que o Contrato se prolongaria por cinco ou seis meses e não dois ou três meses como nos tinha dito antes e foi o motivo para começarmos outra vez a luta.

COMBATE - Durante a greve o que é que vocês fizeram?

Trabalhador - Na assembleia decidiu-se constituir um comité de expansão da luta e outro de informação. O comité de expansão da luta encarregava-se de ir junto dos trabalhadores de província, bem como de Madrid e Bilbau, que eram os sítios onde mais forte era a luta.

O comité de informação redigia muitos comunicados explicando o motivo da luta e informava a imprensa. Os comunicados eram distribuídos em manifestações pacíficas de mais de quatro mil operários e que se faziam pelos bairros operários, centro e mercado. O comité de informação ia explicar também a luta pelas comissões de moradores (associações de vecinos) e outros comités como centros sociais.

No início da greve ficávamos nas centrais, mas a polícia desalojou-nos, então confluímos à Plaza Cataluña e no caminho fomos em grupo com cartazes e com comuni-

à opinião pública

Nós, trabalhadores da Telefónica encontramos-nos em greve geral. Todos nós, camaradas de Madrid, Barcelona, Santander, Vitoria, San Sebastián, Bilbau, etc. encontramos-nos unidos na luta devido à ruptura unilateral, por parte da Empresa, das negociações do Contrato Colectivo do Trabalho.

Até ao encerramento da Empresa mantínhamos um serviço de urgência para atender às chamadas; mas perante o desalojamento por parte das Forças Policiais de 17 centros de trabalho, veio-nos na impossibilidade de manter o referido serviço. Não queremos prejudicar os utentes, e denunciámos a Empresa que, apresentando como desculpa o nosso Contrato Colectivo de Trabalho, aumentou desmesuradamente as tarifas enquanto que, a nós nos leva ao Tribunal do Trabalho (Laudó).

- ! A NOSSA LUTA É A VOSSA LUTA!
- ! PREÇOS MAIS BAIXOS, SALÁRIOS MAIS ALTOS!
- ! NÃO À MILITARIZAÇÃO DA TELEFÓNICA!
- ! NEM SANÇÕES NEM DESPEDITIVOS!

Barcelona 5 de Abril 1976.

COMBATE - Houve diferenças nas formas de organização, desta vez?

Trabalhador - Como sabes em Janeiro a greve foi dirigida pelas Comisiones Obreras, mas na prática demos conta que um grupo de 40 ou 50 pessoas não podia nem devia levar a cabo essa luta que era de todos. Em Abril todos os trabalhadores puderam tomar parte na luta através das suas assembleias de centro de trabalho. Numa assembleia maioritária decidiu-se ir para a greve. Ao princípio começara a greve com 20% em Barcelona e província. Madrid já levava dois dias de greve, mas não totalmente. Em Barcelona cada dia aderiam mais gente e em quatro dias aderiu noventa por cento da empresa.

cados que davamos às pessoas que passavam e se havia alguma empresa perto da central, ia um grupo e explicava a nossa luta. Levávamos uma caixa e fazíamos uma colecta para o fundo de greve e as pessoas contribuíam.

COMBATE - A greve falhou porquê?

Trabalhador - Em assembleias durante a luta disse-se várias vezes que tivéssemos cuidado com os dias de festa da semana santa que se aproximavam, pois isso jogava a favor da empresa. Mas na última assembleia soube-se que o Contrato tinha ido ao "LAUDO" (correspondente ao tribunal de trabalho). A empresa disse que se nos três dias após a sentença do "Laudó" os trabalhadores não voltassem ao trabalho seriam despedidos. Na quinta-feira santa a empresa deu um prazo até ao meio dia para voltar ao trabalho e os que o não fizessem ficavam despedidos. Gerou-se o pânico e muitas centrais foram trabalhar.

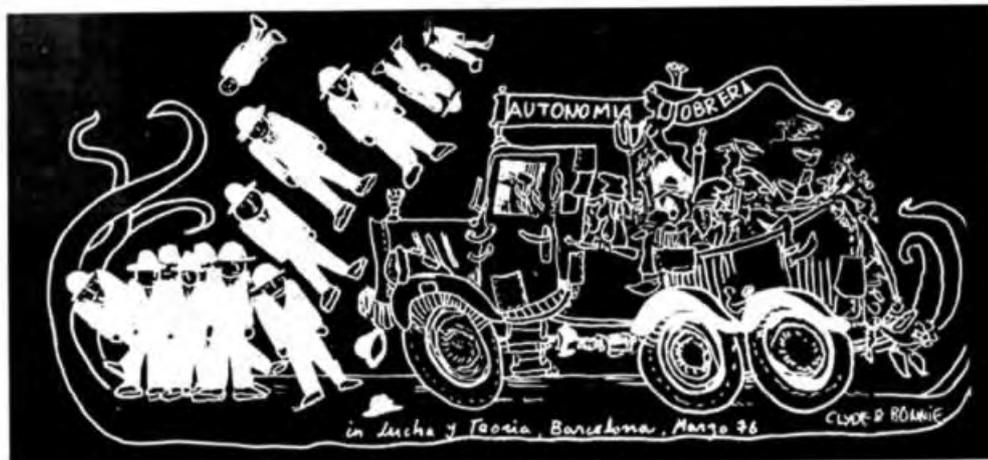
COMBATE - Qual foi o papel dos partidos políticos na luta?

Trabalhador - Não jogaram nenhum papel importante na luta, já que não tinham nenhuns meios para fazer ou desfazer.

COMBATE - Qual é a diferença entre as "Comisiones Obreras" em Janeiro e os comités de luta em Abril?

Trabalhador - A diferença é que as "Comisiones Obreras" na assembleia maioritária não podem impor os seus intentos, pois têm

(Cont. pag.6)



Editorial: Que Trabalho?

O trabalho é encarado pelo capitalismo como uma questão económica mas, para manter a subordinação da massa dos explorados, o trabalho é-lhes impingido como uma questão moral. Os capitalistas sabem guardar uma parte importante do seu tempo para os ócios, para a actividade intelectual e a criação artística, e não ignoram que só assim a vida cultural se pode desenvolver. Mas essa vida cultural e artística não desenvolve imediatamente a produção e por isso as camadas dominantes reservam para si tais actividades e obrigam os proletários a dedicar-se unicamente ao trabalho que dá lugar à exploração, o trabalho que é produtivo para o capital. Assim, a divisão acima enunciada junta-se uma outra: os capitalistas vêm a necessidade de ócios e de actividades culturais para eles e não para os operários.

Como os capitalistas precisam economicamente que os operários trabalhem cada vez mais, escamoteiam a natureza do trabalho no modo de produção capitalista a tal ponto que, para muitos proletários, o trabalho aparece como um imperativo moral quase divino, uma honra, uma dádiva, etc., em vez de verem a forma de trabalho actualmente existente, tal como é: exploração.

Surge no entanto aqui uma importante contradição económica: o capitalismo é um sistema que funciona alternando períodos de crise com outros de grande expansão, de forma que tem que manter desempregada parte da mão-de-obra, para dispôr de uma reserva de força de trabalho que permita, nos momentos de expansão, o rápido acréscimo da produção. Como é que o capitalista, que faz junto dos proletários a apologia do trabalho permanente, explica o facto de o próprio capitalismo ter de manter sem trabalho, durante largos períodos, massas de operários?

É sobretudo a nível ideológico e social que o capitalismo procura resolver esta contradição. O facto de não ter trabalho leva os indivíduos a um maior isolamento, já que na sociedade capitalista o operário relaciona-se especialmente com base no local de produção; esse isolamento é utilizado para marginalizar os desempregados, para os fazer sentir culpados da situação criada pelo capitalismo, para fazê-los desejar o trabalho como uma honra. A ideologia capitalista penetra os próprios trabalhadores. O desempregado não tem direito nem a descansar nem a sorrir. Tem de ser infeliz, precisará de viver na austeridade para fazer crer que os que têm trabalho são felizes e premiados pelo capital. O capitalismo procura assim que os desempregados reforcem a imagem ideológica moralizante que apresentam do trabalho.

Sob este ponto de vista, a organização dos trabalhadores também no local de habitação (comissões de moradores não burocratizadas) permitiria que o trabalhador desempregado não ficasse isolado e seria um importante meio de luta contra este tipo de demagogia dos capitalistas.

*

Para que a organização capitalista da produção avance a totalidade da vida social tem que se tornar cada vez mais dependente daquilo que a produção e a reprodução capitalista ordenam. A mais-valia produzida pela classe trabalhadora é cada vez mais acumulada e cada vez menor é a parte destinada à reprodução da força de trabalho, assim como o tempo necessário para tal e cada vez mais planificado pelo capital: o consumo é rigorosamente planificado pelos capitalistas industriais mediante complexas instituições económicas, sociais e até psicológicas.

É certo que se trabalha menos horas desde cerca de 1900-1910 do que na primeira metade do século passado. No entanto, durante o feudalismo, por exemplo, mais de um terço do ano eram dias feriados e o tempo de trabalho diário no restante do ano não era muito grande. É claro que os capitalistas ocultam cuidadosamente estes factos...

Dentro desta planificação do trabalho o Estado torna-se cada vez mais responsável pela reprodução da força de trabalho e muita dessa reprodução é feita mediante trabalho gratuito. Os trabalhadores pagam a reprodução da sua energia para voltar a produzir mais. O caso da Previdência em Portugal torna-se uma aberração, porque os capitalistas roubam sem a menor subtilidade (como costumam fazer) o dinheiro dos trabalhadores, e o Estado, para resolver o problema para os capitalistas, oferece a "nacionalização" isto é, usa novamente o dinheiro dos trabalhadores para pagar o roubo. A reprodução que não é feita na esfera do Estado é resolvida dentro da preservação da estrutura da família para o trabalho gratuito de lavagem de roupa, preparação de refeições, cuidados com os filhos, etc. A manutenção da estrutura familiar é integrada na planificação da totalidade da vida social. Será o local onde, cada vez mais, o trabalhador se refugia nos seus escassos tempos livres; família-trabalho-família: Eis os grandes mandamentos da moral capitalista.

Nas férias, os trabalhadores principalmente dos países mais avançados, vão adquirir as mercadorias de consumo que o próprio capital planifica para entrarem no seu circuito comercial. E o tempo de férias, tempo para cultura, relações sociais e sexuais, viagens, tem também a interferência do capital, que organiza e planifica o turismo, etc.. O capital nega-nos espaço para podermos ter relações criativas. Tudo é recuperado pelo sistema na forma de consumo. Hoje, tempos livres é igual a consumo.

*

O homem distingue-se dos outros animais porque, na sua acção sobre a natureza, utiliza instrumentos. Nunca, em nenhuma sociedade nem em nenhuma época histórica o homem trabalha de mãos nuas. A tecnologia que é empregue numa dada sociedade é por um lado, resultado das relações sociais que dominam nessa sociedade e, por outro lado, tende a perpetua-las.

Assim, por exemplo, no capitalismo as características fundamentais das relações sociais de produção são, por parte do proletário: a mobilidade da força de trabalho (a irregularidade da vida económica no capitalismo obriga o sistema a fazer transitar os operários de um para outro ramo de produção); a separação entre o operário e o produto (os produtos não pertencem a quem os fabrica); a separação entre o operário e os meios de produção (as máquinas e as instalações empregues no fabrico não pertencem aos operários).

Estas características exprimem-se na tecnologia que se desenvolveu no capitalismo: o trabalho de cada operário é cada vez mais simplificado e monótono, de modo que os proletários podem mudar de ramo de indústria sem precisarem de muito tempo para aprender as novas profissões; o operário ignora completamente a estrutura do produto em cujo fabrico participa; o operário ignora o conjunto do processo de produção social. A vida económica surge como uma incógnita para aqueles que a mantêm e sustentam. Por outro lado, este tipo de tecnologia reforça, como é evidente, o afastamento do operário relativamente ao conhecimento da produção.

O capitalismo e a tecnologia capitalista desenvolvem assim, pelas suas próprias características, uma classe de gestores. São estes que estão encarregados desse conhecimento do processo produtivo geral que o capitalismo retira aos proletários. Estes gestores, tecnocratas e burocratas, têm por isso o maior interesse em manter estes aspectos fundamentais do capitalismo e da sua tecnologia, pois deles resulta a razão de ser dos seus privilégios sociais e económicos. Nas várias formas de capitalismo de Estado, de que esses gestores são os agentes sociais, estas características da tecnologia capitalista são levadas a extremos até então nunca vistos, e o afastamento entre o produtor e o processo de produção é acentuado. O carácter anti-cultural do trabalho capitalista, de que falamos atrás, é levado ao máximo.

No regime capitalista não existe, para o proletário, distinção entre o trabalho e o trabalho para o capital. O trabalho torna-se igual à exploração.

*

Nos momentos de crise de desemprego, os trabalhadores mostram nas suas reivindicações certas contradições. Existem reivindicações como "direito ao trabalho", "salário mais justo", etc. que não impedem porém o desenvolvimento simultâneo de lutas mais radicais contra o próprio tipo capitalista de trabalho.

Os sindicatos que -- pelo menos no capitalismo moderno -- são organizações que efectuem a planificação tecnocrática do conjunto da força de trabalho, interessam-se unicamente pelas reivindicações reformistas. Estas têm como efeito último desenvolver o mercado capitalista e, por aí, reproduzi-lo alargadamente. Mas, nas alturas em que o Estado capitalista sofre um grande abalo, como em Portugal nos meses posteriores ao 25 de Abril, os operários procuraram nas empresas em auto-gestão ultrapassar a simples contestação da natureza do trabalho para avançar com uma transformação qualitativa do trabalho. Eram, assim, as próprias relações sociais de produção capitalistas que eram postas em causa.

Tratava-se de "trabalhar em liberdade", sem a opressão de patrões nem gestores, e com tempo livre para discutir os problemas do trabalho e da actividade política.

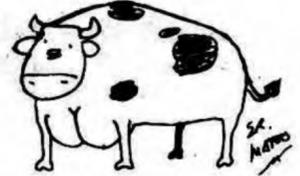
No entanto, a grande integração do mercado capitalista mundial impede que as empresas isoladas possam subsistir sem entrarem na competição e na concorrência. A sobre-exploração e a grande intensidade do ritmo de trabalho noutros países forçaram estas empresas a retomar ritmos de trabalho correspondentes. Isto mostra que os operários não podem, em grupos isolados, libertar-se do trabalho alienante do capitalismo e, na medida em que o mercado reabsorve essas empresas, processa-se uma correspondente burocratização interna. Um grupo de operários transforma-se em novos gestores, reconhecidos pelo

(Cont. pag.6)



Cont. Pág. 1

Barcouço — pequenos agricultores trabalham as suas terras em comum



ções, porque toda a gente é pobre. As únicas instalações de que nos estamos a servir é de uma casa velha, que é de um sócio que alugou para nós lá fazermos um armazém de produtos; estamos também a adaptar um aviário que também era de um sócio, para que de facto se consiga lá criar algum gado; comprámos um tractor em segunda mão — primeiro um grupo de sócios comprou o tractor e agora esse grupo de sócios põ-lo ao serviço da cooperativa — e depois conforme foi aparecendo dinheiro vai-se pagando e o tractor acaba por ser de toda a gente acaba por ser do povo; comprámos um atrelado e uma freze que já estão ao serviço da cooperativa; já se semearam algumas batatas, está-se a semear o milho e outras ervas e está-se na exploração da resina, que é uma riqueza muito importante que nós cá temos. Se soubermos explorar bem a floresta, talvez seja uma das maiores fontes de riqueza, pois consegue-se tirar algum resultado sem praticamente haver trabalho e o dinheiro vai ter a casa das pessoas sem elas terem muito trabalho, e isso é muito importante. Há agora que incentivar o amor pelas florestas. Há um grupo de indivíduos que tirou um curso de resinagem científica e está a trabalhar de facto a árvore como ela deve ser trabalhada, pois a árvore, como nós aprendemos, é um ser vivo e tem que ser respeitadas determinadas leis para que a gente consiga tirar o máximo de rendimento com o mínimo de despesa, sem destruir essa mesma árvore. Estamos também a trabalhar neste aspecto e estamos já a pensar na possibilidade de formar uma creche. Temos já hoje informações (e se de facto as informações que nos deram forem reais e dentro de poucos dias já o sabemos) poderemos arranjar uma creche cá no Barcouço, assistida pelo Estado. Uma creche que não servirá só para os indivíduos da cooperativa, mas irá ser posta ao serviço de toda a população que assim o desejar. Na cooperativa temos diversas pessoas a apoiar: temos um advogado, médicos, uma enfermeira. Enfim, temos toda uma boa-vontade à nossa volta e e-

tamos confiantes, e agora mais do que nunca, que a gente irá triunfar, embora também tenhamos a certeza que continuamos a encontrar muitas dificuldades mas esperemos vencê-las.

COMBATE — Nesse plenário que há pouco foste, o vosso problema imediato era o das resinas. E foi isso que vos obrigou a unirem-se e a organizarem-se numa altura formaram uma comissão de três elementos e a partir daí é que o problema se alastrou para todo o sector agrícola e não especificamente para a resina. Querias que explicassem um pouco esse processo, isto é, como é que passaram do problema da resina para a formação de uma cooperativa de produção agrícola.

Trabalhador A — A ideia foi lançada durante o plenário que se estava a realizar para resolver o problema da resina. Mas não ficamos por aí e pensamos numa cooperativa que abrangesse todo o sector agrícola e por isso é que andámos de terra em terra. Mas é claro as pessoas queriam uma cooperativa, e muitas continuam a querer, uma cooperativa de comercialização, onde as pessoas, por descargo de consciência, pudessem levar o resto que lhes sobrava. Ora, isso para mim e para os camaradas que neste momento são as travess meistras da cooperativa, isso não serve de maneira nenhuma, porque já sabemos o que ia acontecer. Se aparecer um intermediário que ofereça mais cinco tostões por um quilo de batatas, as pessoas (a maioria, não digo todos, porque nem toda a gente pensa assim) venderiam as batatas e nós ficaríamos sem elas. Portanto ir correr um risco desses, não. Então resolvemos criar uma cooperativa de produção juntando as nossas pequenas parcelas de terra, pois iríamos ter uma parcela de terra maior, assim como já temos e podemos tirar maior rendimento de uma máquina e podemos aumentar a produção e diminuir as despesas. Esse é o fim principal da nossa cooperativa.

está disposto a aguntar todo o ano sem receber nada só para que isto avance. Ainda não tivemos nenhum crédito e já fizemos uma despesa de cinquenta e tal contos só com a resina e não se vendeu ainda nada. Portanto é impossível pagar-se um salário pois a cooperativa não tem fundos. Ainda não tivemos nenhum subsídio e nenhum empréstimo.

COMBATE — Então como é que as pessoas conseguem viver?

Trabalhador A — As pessoas vivem aqui essencialmente da vinha e com os tostoeiros que recebem com a venda do vinho. É assim que vão equilibrando a vida deles; outras têm uns empregueiros, uns trabalham em pedreiro, outros em carpinteiro e vão vivendo assim.

COMBATE — Os sócios que trabalham nas terras da cooperativa são pessoas que deram a terra para a cooperativa, ou há pessoas que não tinham terra, mas que pertencem à cooperativa?

Trabalhador A — Sim, há pessoas que não tinham terra, mas que pertencem à cooperativa. Há pelo menos um indivíduo que não tinha terras, mas que trabalha na cooperativa. Mas aqui há pouca gente que não tenha nada, porque quase toda a gente tem umas pequenas parcelas, mas também não é obrigatório que as pessoas quando vêm para cá entreguem tudo o que têm; cada um tem um quintal ou com uma terrinha para semear hortas.

Para já não estamos dispostos a acce-

tar sócios que tenham as coisas e que não entrem com nada e que venham para aqui só servirem-se dos benefícios que temos. Então, isso não, porque assim nunca se consegue que a agricultura avance, porque continua a parcela dividida e não é possível tirar-se o rendimento das propriedades, aquele rendimento que nós precisamos para que isto avance, para que a gente se liberte desta miséria.

COMBATE — Mas o indivíduo que não entrou com terra tem os mesmos direitos e deveres que os outros?

Trabalhador A — Sim, sempre se o indivíduo não tem nada, absolutamente nada, o indivíduo é aceite na sociedade se quiser trabalhar e se houver trabalho para ele tem todas as regalias, iguais aos outros. Só não tem uma coisa que os outros têm: não recebe renda de nada, porque não tem nada. Mas também, em contrapartida, se não ligação aos indivíduos que têm terra mas que não trabalham, ele recebe os lucros ao fim do ano que lhe competem, segundo os dias que trabalhou, porque isto é uma proporção directa: se trabalhou 8 dias e houve tanto de lucros a dividir pelos dias que trabalhou tem aquele dinheiro, ou aquele valor que lhe compete, que vai para a conta dele, que é um fundo especial que ele, em qualquer altura, quando a cooperativa tiver dinheiro paga esse fundo, ou inclusivamente fica lá para um fundo de manobra, um fundo social que é sempre do sócio e que vai sempre aumentando conforme ele vai trabalhando, vai criando riqueza.

DIVISÃO DE TAREFAS

COMBATE — Todos os dias há tarefas a realizar na terra: a tratar da resina, da vinha ou da batata. Como é que vocês coordenam todo esse trabalho dividido pelos sócios?

Trabalhador B — Evidentemente que isso é um caso que, na verdade, em princípio é difícil. Mas com uma certa boa vontade consegue-se através de uma escala de serviços e depois estipula-se que fulano e fulano podem ir para tal parte fazerem este ou aquele serviço, podem ir para outro lado fazerem outro serviço e vai-se escalando o serviço desta maneira.

COMBATE — De quanto em quanto tempo é que fazem essa escala?

Trabalhador B — Geralmente todas as semanas. Reunimos sempre aos sábados e nessa altura já se lança o serviço para a semana seguinte. Por exemplo esta semana tentámos que o grupo da produção lançasse várias sementeiras, mas da maneira como o tempo correu tiveram que ser adiadas. Mas no caso de o tempo dar, evidentemente que aquele grupo já está votado para se lançar nas sementeiras. Quando há alterações, como no caso de o tempo não o permitir, é claro que tem de ser alterado.

COMBATE — Neste momento têm dificuldades em colocar os produtos no mercado, ou já encontram uma forma nova de venderem os produtos?

Trabalhador B — Por enquanto ainda temos poucos produtos para vender, mas no fim das colheitas já temos perspectivas de colocar os produtos, já temos algumas Comissões de Moradores em Coimbra que têm postos de venda e a própria Cooperativa Agrícola de Coimbra que já contactámos por várias vezes e recebe os nossos produtos e, amanhã quando tivermos produtos, de certo que contactaremos com mais. Temos possibilidade de contactar com mais entidades para despachar esses produtos.

COMBATE — Todos esses contactos foram da vossa iniciativa, ou foram as Comissões de Moradores e a tal Cooperativa que contactaram com vocês?

Trabalhador B — Por sinal os contactos partiram deles.

COMBATE — Têm contactos com cooperativas agrícolas do Alentejo?

Trabalhador A — A Cooperativa dos Cortiços escreveu para cá, queria fazer-nos uma visita, mas houve um erro entre os elementos

COMBATE — Há pouco este amigo falou que não tinha tido apoios, que não tinha tido subsídios. Vocês já contactaram com as entidades oficiais: ministérios, bancos e se já recorreram ao chamado "crédito agrícola de emergência"?

Trabalhador C — Já recorremos ao "crédito agrícola de emergência" para comprar o tractor. Foi a única coisa a que recorremos.

COMBATE — Quer dizer que vos concederam o empréstimo?

Trabalhador C — Concederam um empréstimo individual. Tivemos que dar um rateio das terras que tínhamos, para obtermos o "crédito de emergência". Não pode ser mais de dez contos a cada um.

COMBATE — No total quanto é que vos emprestaram?

Trabalhador C — Fomos 14 ou 15 sócios a pedir. Por isso foram uns cento e cinquenta contos para comprar o tractor, a freze e o atrelado.

COMBATE — Qual é o juro que têm de pagar?

Trabalhador C — É de seis e meio por cento, é um bocadinho duro.

COMO VENDER OS PRODUTOS?

COMBATE — Coordenados dessa iniciativa e não poder feita a visita. Portanto, a gente pede desculpa a esses camaradas, mas na verdade, numa próxima oportunidade já será possível. Tivemos contactos com a Cooperativa do Couço e com a Cooperativa da Argea, a qual já nos pôs cá alguns produtos, nomeadamente queijo, figos e aguardente de figo que já vendemos.

COMBATE — Mas esses contactos que vocês têm tido são feitos por carta, por telefone ou vão lá directamente e falam com as pessoas, trocam impressões sobre as respectivas experiências, ou conversam só sobre as necessidades que têm?

Trabalhador A — A gente quando vai ver uma cooperativa, vamos lá precisamente para trocarmos pontos de vista para ganharmos experiência. De facto é isso que tem acontecido. Vimos lá coisas que estão erradas, mas também vimos lá coisas que estão certas e isto já vai evitar que a gente vá cair nos mesmos erros. Mas contamos visitar mais.

COMBATE — Já tiveram contactos com o Ministério da Agricultura?

Trabalhador B — Os contactos que temos tido são simplesmente com o SADA (Serviço de

Apoio ao Desenvolvimento Agrário) e com a IRA.

COMBATE — Pediram auxílio ao IRA?

Trabalhador B — Temos tido contactos com eles e, pelo menos, mostramos boa-vontade.

Trabalhador A — Pelo menos o SADA da Mealhada tem sido uns companheiros de luta extraordinários. Sem eles não seria possível ainda hoje a legalização da cooperativa. Há dias verificou-se que umas fotografias aéreas que foram pedidas já em Janeiro até agora nunca apareceram. Não sabemos quem é que tem a culpa e o IRA de Aveiro mostrou-nos as cópias das cartas que têm sido para lá enviadas e disse-nos que as fotografias nunca vieram e isso é de lamentar que se faça esperar tantos meses o povo. Precisamente por isso, por essa demora ser tão grande é que neste caso o SADA da Mealhada tem funcionado como Centro de Reforma Agrária, vindo cá ver os terrenos pessoalmente e fazendo os planos de exploração, sem os quais não seria possível formar a cooperativa. O SADA tem-nos dado um apoio extraordinário e inclusivamente tinham lá uma carrinha que

O QUE É A REFORMA AGRÁRIA?

COMBATE — O que é que vocês consideram que deve ser a Reforma Agrária? Faça esta pergunta porque toda a gente fala na Reforma Agrária, desde os mais diversos partidos políticos até aos trabalhadores que no fundo serão os únicos interessados, e nem todas as pessoas pensam da mesma maneira sobre o que é, ou o que deve ser a Reforma Agrária.

Trabalhador B — Eu suponho que a Reforma Agrária esta sobre os princípios que nós estamos a adoptar porque, pelo menos na nossa região, a propriedade é tão dispersa que se torna imprudível — pelo menos com a produção muito dispendiosa e pequena. Ora, foi isso até um dos princípios que nos levou a pensar na cooperativa. Foi um princípio de colectivação. Unir as terras, fazer bons lotes de terreno para serem facilmente agricultáveis e darem o máximo de rendimento possível. Eu suponho que Portugal, pelo menos aqui na zona centro e norte, se não se fizer isso a agricultura não pode avançar. Pa-

O AUMENTO DO CUSTO DE VIDA

COMBATE — Há as mais diversas forças interessadas em sabotar a luta dos explorados. Para isso utilizam todas as manobras possíveis. No caso concreto da Reforma Agrária e com a ocupação dos latifúndios pelos trabalhadores alentejanos, essas forças (facilmente identificáveis pelos seus interesses de classe antagonísticos aos do proletariado) chegam a afirmar que o assombroso aumento do custo de vida, que se tem verificado em Portugal de alguns meses a esta parte, se deve à iniciativa dos trabalhadores terem ocupado as terras. Isto é, os trabalhadores é que tornaram os produtos mais caros, quando sabemos que na prática acontece o contrário.

Segundo vocês a que se deve o aumento de custo de vida?

Trabalhador B — Toda a gente quer tirar o máximo de lucros possível e isso vai mais dos empresários, dos intermediários e de toda essa gentinha que por aí está a parasitar os trabalhadores. Isso é, suponho eu, o maior motivo para que se desse essa inflação tremenda. Quanto aos trabalhadores, acredito que em certos casos, também tenha havido exageros. Há empresas que talvez não pudessem dar aquele ordenado, que eles pediam e foram forçadas a fazê-lo e depois também tiveram que aumentar um pouco o custo da sua produção. Mas isso não é o principal. A parte principal está, na verdade, no excesso de ganância, nos lucros dos senhores intermediários e dos senhores empresários, que noutros tempos contentavam-se com um lucro de tantos por cento e agora já não querem. Se, por exemplo, os salários subiram 10 ou 15%, eles foram aumentar 20 ou 30%.

COMBATE — Qual é a alternativa que você propõe para que a população não tenha necessidade de comprar os produtos tão caros e que o produtor consiga vendê-los a um preço mais elevado. Isto é,

nos emprestaram e tem sido muito útil.

COMBATE — Qual é a área das terras da Cooperativa?

Trabalhador C — São há volta de vinte hectares de terreno. Só terras, porque as vinhas não são entregues à cooperativa.

Trabalhador A — A área da vinha não está incluída, embora seja possível avançar daqui a uns anos. Imediatamente não, mas daqui a uns anos é possível avançar.

COMBATE — Mas porque é que isso acontece?

Trabalhador A — A vinha está mais dispersa nos feios terrenos, e até agora ainda não nos foi possível encontrar parcelas tão boas de terreno para vinha como terreno para outras culturas, porque quando a gente conseguir de facto encontrar assim uma área boa estou convencido, que pelo menos o grupo mais dinâmico da cooperativa avança logo para uma vinha moderna. Arrancam-se as velhas. Pela minha parte e daqueles que aqui estão, estou convencido quando isso for possível avança-se logo para esse lado, porque aquilo também não está a dar o máximo, porque não está bem planeado.

ra avançar a agricultura tem que se unir os terrenos da melhor forma que for possível, amanhá-los conjuntamente com máquinas, tratar de fazer um plano de produção capaz de adaptar as culturas julgadas mais convenientes para os mais diversos terrenos e só assim é que se pode fazer uma exploração válida que dê resultados. Porque assim da forma que estamos a fazer não passamos disto, não passamos, como se costuma dizer, da cepta torta.

Trabalhador A — Quero afirmar que penso da mesma maneira e sem isto não há Reforma Agrária nenhuma. Não é vindo a casa dos agricultores e dando-lhes um subsídio de miséria para ele produzir mais umas galinhas ou mais uns ovos, porque isso não resolve absolutamente nada. No fundo da questão só estamos a enganar o povo e nada mais. A Reforma Agrária constrói-se fazendo assim como nós estamos a fazer e não temos outra possibilidade para o norte avançar.

o produtor e o consumidor ambos a ganharem.

Trabalhador B — Essa resposta deu-se há tempos, penso eu. Grupos de trabalhadores de Setúbal visitaram-nos e expuseram o seu assunto e nós achámos muito natural o que disseram: Formando grandes cooperativas, bons centros de produção em todos os sectores e com postos de venda nas cidades, ou outras cooperativas de consumo. Evidentemente que o produtor poderia vender os seus produtos um pouco mais caros e o consumidor poderia comprar os mesmos produtos um pouco mais baratos. Isto implica a formação de cooperativas de consumo, ou postos de venda e cooperativas de produção.

COMBATE — Aqui no Barcouço ainda nem toda a população está na cooperativa; só existem ainda 46 cooperadores. Qual tem sido a reacção das pessoas que ainda não pertencem à cooperativa?

Trabalhador A — A reacção que mais se tem verificado foi, e é, a arma que determinados indivíduos fascistas, que não têm outro nome, utilizaram: "São comunistas". Utilizam um certo anti-comunismo da população para sabotarem o nosso trabalho. Isso tem sido o pior espinho que nos tem atormentado. Mas neste momento a nuvem está a passar e nós estamos de facto com mais confiança.

COMBATE — Mas esses indivíduos que vocês consideram fascistas são pequenos agricultores, ou são grandes capitalistas aqui da área?

Trabalhador A — Há aqui uns quatro ou cinco dos tais grupos que não entram directamente na luta, mas que vão incentivando os seus laiaicos que, ao fim e ao cabo, são tão explorados como nós.

mas que por não perceberem o processo, confundidos por aquilo que lhes dizem, ficam o jogo deles.

COMBATE — Mas esses indivíduos vocês ainda não os marginalizaram e continuam a contactar com eles, explicando-lhes as vantagens de se organizarem numa cooperativa?

Trabalhador A — Isso acontece a cada momento. As pessoas têm tido por aí muitas conversas, discutem com eles os problemas e estamos a tentar que toda a gente veja a questão com olhos de ver. Não pretendemos isolar ninguém, mas em último caso, alguns deles é que se estão a isolar a eles próprios. O povo já compreendeu que estão a mentir e por isso eles estão a isolar-se.

COMBATE — Aqui no Barcouço há alguma Comissão de Moradores?

Trabalhador A — Há.

COMBATE — Qual é a posição da Comissão de Moradores perante a cooperativa?

Trabalhador A — O que acontece é que todos os elementos da Comissão de Mo-

NINGUÉM PENSE AQUI VIR PÔR O DEDO

COMBATE — Em todo o processo da formação da cooperativa por certo que vocês têm atravessado diversas fases: umas de maior dificuldade e outras de menor. Querias que se referissem a esses períodos e se estão relacionados com os acontecimentos politico-militares que Portugal tem vivido durante estes meses?

Trabalhador A — Nós andámos a trabalhar com muito entusiasmo antes do 25 de Novembro, embora nessa altura ainda não tivéssemos feito muitos contactos oficiais, ainda não tínhamos pedido a legalização da cooperativa. Mas temos a certeza absoluta que se tivéssemos legalizado a cooperativa antes do 25 de Novembro teríamos tido um apoio mais concreto, mais positivo do que temos tido até aqui. Embora ultimamente estejamos, com mais confiança no futuro e contamos que as pessoas que têm responsabilidades neste assunto vão, de facto, apoiar-nos.

COMBATE — Depois do 25 de Novembro têm encontrado mais dificuldades?

Trabalhador A — Sim, e agora estão a desvanecer mais e, precisamente agora estamos com o espírito muito aberto porque de facto vamos encontrar gente para apoiar.

COMBATE — E a cooperativa já está legalizada?

Trabalhador A — Só o fizemos depois do 25 de Novembro, mas isso deu muito trabalho.

COMBATE — A partir do momento que existe uma entidade jurídica que é a cooperativa e quando vocês pediram o "crédito de emergência" porque é que eles só o emprestaram a título individual e não à cooperativa?

Trabalhador A — Porque nesse momento a cooperativa só existia no nosso espírito. Juridicamente não tinha personalidade e por isso é que recorremos ao "crédito de emergência" para comprarmos o tractor, para mostrarmos que estávamos a fazer qualquer coisa. Neste momento estamos a espera do "crédito" para a cooperativa, mas a coisa está muito demorada.

COMBATE — Neste momento continuam os contactos com as populações vizinhas na tentativa de impulsionarem outros companheiros para que eles trabalhem simplesmente para que o povo se liberte da exploração. Sei do caso de outra cooperativa (esta não vi, mas foi uma pessoa de confiança que lá estava que me contou) que também é mais ou menos controlada por outro partido e cometeu precisamente os mesmos erros e, portanto, mercê destes exemplos, nós decidimos que a cooperativa seria sempre nossa, dos trabalhadores, controlada por eles e que não teríamos controlo de mais ninguém.

nao assistem às reuniões, fazer com que o trabalho pernicioso deles fortificasse e neste momento nós não contamos com essas povoações.

COMBATE — Segundo vocês e com os dados que têm desde o 25 de Abril para cá, com a vossa experiência e com tudo aquilo que se tem passado em Portugal, qual é a vossa perspectiva do futuro da organização dos trabalhadores neste país na sua luta contra a dominação capitalista, para se terminar de uma vez para sempre com todas as formas de exploração.

Trabalhador A — A minha ideia é que enquanto os trabalhadores do campo, os trabalhadores da cidade não se unirem profundamente e não ultrapassarem todas as divergências políticas que possam existir e não puserem os sectores de produção agrícola, industrial e comercial ao serviço dos trabalhadores, pois até que isso aconteça, não há possibilidades de se abalar o capitalismo e continuaremos sempre a ser explorados e até alguns aspectos cada vez mais, porque as ansias de lucro de determinados indivíduos acirraram-se, pois estão a ver que a partir de determinada altura poderão não os ter e então tentam agora tudo por tudo, para comer o máximo possível para depois ter reservas para daqui a uns anos.

Queríamos ainda dizer que tivemos uma ajuda muito valiosa dos camaradas do Sindicato da Construção Civil que nos ofereceram cem mil escudos, ajuda essa muito valiosa e que veio numa altura muito difícil da nossa vida. Foi um calor humano extraordinário que nos transmitiram com essa ajuda. Tivemos aqui umas sessões de canto livre que rendeu algum dinheiro e tivemos uns camaradas de Lisboa que vieram fazer uma excursão ao norte e passaram aqui e fizeram uma subscrição e deixaram cá quase seis mil escudos. Ora, esses camaradas são de um determinado partido, que não interessa estar aqui a referir, mas convém dizer que somos rigorosamente partidários e isto é muito importante. Não admitimos qualquer espécie de tutela política aqui dentro e ninguém pense aqui vir pôr o dedo, porque nós aceitamos as ajudas de todos, venham elas onde vierem, mas aceitamos uma ajuda desinteressada, verdadeiramente humana, mas nada mais.

COMBATE — Porque é que você pensa assim?

Trabalhador A — Porque já vi uma cooperativa que é controlada por um determinado partido político e reparai que em muitos casos os interesses do partido são postos acima dos interesses da cooperativa. Vi outra cooperativa de trabalhadores de facto partidários e vi que eles trabalham simplesmente para que o povo se liberte da exploração. Sei do caso de outra cooperativa (esta não vi, mas foi uma pessoa de confiança que lá estava que me contou) que também é mais ou menos controlada por outro partido e cometeu precisamente os mesmos erros e, portanto, mercê destes exemplos, nós decidimos que a cooperativa seria sempre nossa, dos trabalhadores, controlada por eles e que não teríamos controlo de mais ninguém.

COMO FUNCIONA A COOPERATIVA?

COMBATE — Quantos sócios tem, neste momento a cooperativa?

Trabalhador A — Neste momento temos 46 sócios, sendo a maioria pequenos agricultores, embora haja uns quatro que não são agricultores, têm outros empregos e querem vir à cooperativa comprar determinados produtos. Foi essencialmente este motivo que levou o pessoal a lançar-se para a cooperativa, porque as terras são tão pequenas e as pessoas matam-se com tanto trabalho e chegam ao fim do ano e têm pouco rendimento, dá-lhes para comer e para pouco mais. Essa vida arrastada que as pessoas levam é que as obrigou a começar a pensar nisto.

COMBATE — A cooperativa tem uma direcção, não é verdade? Como é que foi eleita?

Trabalhador A — Pois claro que tem uma direcção e foi eleita em Assembleia geral por escrutínio secreto e só foram eleitos, e só poderão ser eleitos sócios que trabalham.

COMBATE — Quantos elementos tem a direcção?

Trabalhador A — Tem seis: três efectivos e três suplentes. Temos também uma mesa da Assembleia Geral constituída por três elementos e um conselho fiscal também de três elementos. A par disso temos também grupos de trabalho como por exemplo, o grupo da produção constituído por cinco elementos; temos o grupo das resinas constituído por quatro elementos.

Estes grupos funcionam todos eles da mesma maneira. Resolvem lá eles todos os problemas que surgirem uns com os outros e depois apresentam os resultados à direcção. E como a direcção tem seis elementos, uns desses elementos também está integrado num grupo e vai lá sempre assistir e esse elemento é o porta-voz. Tudo o que o grupo resolver, a direcção vai concordar porque eles estão encarregados daquele sector e pronto. Em cada grupo há um chefe, mas a palavra chefe não quer dizer nada aqui. Quer dizer simplesmente que ele é que

É IMPOSSÍVEL PAGAR UM SALÁRIO

COMBATE — Como é que vocês conseguem viver neste momento: têm um salário mensal ou estipularam uma outra coisa?

Trabalhador A — Até agora ainda não foi pago qualquer salário aos trabalhadores. O sector da resina que tem mais trabalho

Trabalhador A — A Cooperativa dos Cortiços escreveu para cá, queria fazer-nos uma visita, mas houve um erro entre os elementos

Editorial

Cont. Pág. 3

aparelho de Estado capitalista. É a isto que se chama, com claros intuítos demagógicos, "controle operário".

Aliás, como o âmbito da planificação no capitalismo contemporâneo é muito vasto, o poder central precisa de seleccionar representantes seus em cada empresa particular. Este "controle operário" -- ou seja, controle directo dos operários por ex-operários transformados em gestores -- é institucionalizado em todos os países capitalistas avançados, independentemente da existência ou não de lutas operárias. Não se trata, pois, de uma "concessão" dos capitalistas, nem de uma "degenerescência" dos proletários, mas de uma necessidade do próprio capital.

As cooperativas agrícolas constituem uma certa excepção a este processo, na medida em que podem desenvolver formas de auto-subsistência que lhes permitem resistir durante mais tempo a certas pressões do mercado. Não podem, evidentemente, opor-se a esse mercado capitalista sem uma revolução prole-

tária internacional. A excepção que referimos consiste unicamente no tempo que podem resistir.

Estas mudanças sociais podem ocorrer hoje e agora, e luta-se para que tenham lugar. Ias mesmo com uma revolução, questões básicas da vida dos trabalhadores não mudam de um dia para o outro. A ideologia do trabalho alienante é uma dessas questões. Se pensarmos um pouco na vida das cooperativas agrícolas, ou das empresas em auto-gestão durante o período não-burocratizado, podemos notar que o trabalho continua a ser encarado dentro da ideologia capitalista. A sua apresentação sob um ponto de vista moral persiste. Qual o significado do salário para os novos cooperadores? As condições de trabalho são mais duras porque, se o capitalista investe capital, o trabalhador "investe" aqui a sua força de trabalho. No entanto, as condições das empresas em auto-gestão e das cooperativas agrícolas fazem com que os trabalhadores entrem em competição, apesar de o objectivo da sua luta ser o de procurarem manter-se independentes do avanço do capital, particular ou de Estado.

telefónica

Cont. Pág. 2

que respeitar a assembleia. O objectivo da "Comision Obrera" é coordenar a luta dentro da empresa e com as outras empresas, como movimento operário independente, coisa que não é pois está manipulada pelos partidos políticos.

COMBATE - E agora qual será o futuro da luta?

Trabalhador - Depois de acabar a luta de Abril, foram tomadas algumas sanções contra os trabalhadores. Então em 20 de Abril fez-se uma assembleia maioritária onde se discutiu o que se devia fazer a partir de agora. Estamos à espera que sejam confirmadas todas as sanções contra nós para tomarmos algumas medidas. A empresa teve uma reunião no dia 21 de Abril para tomar medidas contra os trabalhadores por causa da greve.

COMBATE - Queres dizer mais alguma coisa sobre a luta?

Trabalhador - Sim, há muitas outras coisas. Por exemplo, vendo que a empresa não

cedia pela greve e como os sistemas de comunicação são todos automáticos, decidimos boicotar as ligações entre as capitais marcando um indicativo, por exemplo de Madrid em numero superior ao número de linhas que existe, rebentando deste modo com o automático. Desta maneira só em Barcelona havia 60.000 linhas avariadas.

Por outro lado tinha sido decidido em assembleia que mantínhamos o serviço de urgência, coisa que não pudemos fazer pois fomos desalojados das centrais e tudo isto foi explicado às pessoas nos nossos comunicados.

COMBATE - Houve apoio internacional?

Trabalhador - Os sindicatos franceses, ingleses e italianos, através da O.I.T. comunicaram-nos que estavam solidários connosco, no sentido moral, económico e prático. Houve mesmo boicote de 40% das chamadas internacionais e se houvesse militarização das centrais, isto seria total. Aliás estava marcada uma reunião no domingo para o boicote ser total, mas como na quinta-feira anterior voltamos ao trabalho isto não aconteceu.

- Lucros totais anuais da empresa:	1600 milhões de pesetas
- Em função desses lucros, foi pago a cada empregado, além do salário:	14.000 pesetas anuais
- Aumentos das tarifas em Janeiro:	30% a particulares; 50% a empresas
- Aumento total dos lucros brutos em consequência da subida das tarifas:	26.000 milhões de pesetas
- Parte deste total para os empregados:	11.000 milhões de pesetas
- Aumento da produtividade:	38%

rastafari

Cont. Pág. 8

Os jovens que eram capturados vivos tinham uma sentença de nove meses de prisão! Vinte e um desempregados foram presos sob esta lei. Muitos deles foram mal-dosamente atacados, as suas casas saqueadas e todos os bens lhes foram tirados. Muitas pessoas foram espancadas pelo simples facto de se vestirem de maneira diferente. Foi um verdadeiro 'estado de sítio'. A tomada de consciência adquirida através de um processo de luta, não pode ser facilmente apagada; assim logo que a malta foi libertada, após nove meses de prisão, em junho de 1975, o movimento RASTAFARI começou mais uma vez a manifestar-se. Babylon ficou furioso e desencadeou por todo o país uma onda de brutalidade, tendo deixado um efeito de terror na mente das pessoas por muito tempo. Os jovens foram o alvo da sua brutalidade doentia. Mas mesmo os velhos sentiram as pancadas. Dois desempregados foram brutalmente mortos a sangue frio (Ras Conrad Dumas e Ras Peltier Esprit). Mas esta brutalidade nem sempre passou sem resposta. Dois soldados foram mortos quando davam caça à malta. Imediatamente a seguir a isto declararam 'amnistia'.

A 'amnistia' surgiu como consequência da condenação a nível regional, local e mundial, das grandes injustiças que estavam a ser infligidas contra pessoas que trabalham duramente e também como consequência da morte dos dois soldados. A amnistia declarada em Agosto de 1975, a-

nulou temporariamente a 'Lei Dread', mas sabe-se que ela será substituída por uma lei contra o 'Terrorismo' muito em breve. No período de amnistia assistiu-se a um decréscimo da repressão de Babylon. Este



mação de um exército permanente de 50 homens e foram recrutados mais de cem novos polícias, totalizando uma força de mais de 400 homens. Foram treinados para utilizarem as mais mortíferas armas de guerra - SLR, SMG, bazookas, granadas, gases lacrimogénios, etc. Dominica é hoje um estado policial, com 'estados de sítio' às vezes às claras, outras vezes encobertos.

ALGIE MAFFEI e CECIL HAVRE continuam a apodrecer na prisão, alvos directos da repressão de Babylon há quase dois anos, com penas de sete e cinco anos respectivamente. Estes jovens necessitam o apoio de todos os amantes da paz, e de todos os progressistas que lutam por uma justiça verdadeira e pela liberdade. O único crime que cometeram foi terem ousado lutar por uma alternativa a esta sociedade, que nada oferece aos seus jovens para além da prisão, a miséria, a fome e a doença, bem como a todos os que trabalham toda a sua vida.

Com Amor,

Desmond Trotter"

O Colectivo da revista "Race Today" apela a todos os que tenham lido esta carta, para que escrevam ao primeiro ministro da Dominica, Patrick John e para o Secretário dos Negócios Estrangeiros inglês, Roy Jenkins (pois que Dominica é um Estado Associado da Grã-Bretanha), protestando contra a pena de morte decretada contra DESMOND TROTTER.

período foi, no entanto, aproveitado para Babylon reorganizar as suas forças. Foi iniciado um recrutamento de homens maciço e um programa de treino para a for-

Miderâmica

a população e a todos
os trabalhadores de coimbra

Transcrevemos a seguir, integralmente, um comunicado dos trabalhadores da Miderâmica, onde relatam a sua luta e os motivos que os levaram à greve. Sobre a evolução da luta e a situação actual pensamos publicar uma entrevista no próximo número.

Os trabalhadores da Miderâmica encontram-se em luta.

Pensamos que toda a população de Coimbra deve conhecer a nossa luta. É necessário que saibam que ela é justa e legal, porque, efectivamente o que nós exigimos é aquilo a que temos direito por lei. É essa lei que o patrão da Miderâmica se recusa a cumprir e nos faz movimentar. Se neste momento já entrámos em greve é porque o patrão nos obriga a tal.

ASSIM:

Foi assinado em Junho de 75 o Contrato Colectivo de Trabalho da Indústria de Cerâmica. Em 22 de Setembro de 75 saiu o Alargamento de Âmbito desse mesmo C.C.T.. Alargamento de Âmbito esse que nos vem abranger, a nós trabalhadores.

O facto é que, apesar de toda a documentação comprovativa, emanada do Ministério do Trabalho, de que o Alargamento de Âmbito é uma realidade, a Administração recusa-se a cumprilo.

Em face da recusa da Administração, em Novembro de 75, a Comissão de Trabalhadores faz uma proposta, tipo Contrato Vertical, no sentido de melhorar um pouco os salários, sobretudo os mais baixos, tentando diminuir assim o leque salarial dentro da empresa.

É interessante verificar que a Administração diz aceitar esta proposta se pelo menos 2/3 do pessoal de cada sector (sector de produção e escritórios) a aceitassem. Sabia o patrão, de antemão, que os trabalhadores de escritório, iriam dizer não à proposta. Desta forma ele punha uma condição que à partida sabia ser inaceitável por parte dos escritórios, o que nos mostra que tudo isto foi uma manobra premeditada e uma forma muito diplomática de anular a proposta.

Assim anulada a proposta da Comissão de Trabalhadores a Administração apresenta a sua contra-proposta e é aprovada por maioria dos trabalhadores, sob pressão.

As pressões eram do tipo: "quem não assina não recebe mais nada", e mais tarde "se alguém não quiser receber, esse dinheiro reverte a favor da empresa".

Esta contra-proposta foi aceite, mas com uma rectificação no clausulado proposta pelos Sindicatos dos Cerâmicos e Escritórios, que pretendiam o pagamento de retroactivos.

Entretanto, o Alargamento de Âmbito não estava a ser cumprido pelo patrão apesar do Ministério do Trabalho ter enviado ao Sindicato dos Cerâmicos dois documentos comprovativos da sua aplicação à Miderâmica.

Os Sindicatos apresentaram depois uma proposta no sentido dos trabalhadores prescindirem dos retroactivos desde a entrada em vigor dos respectivos contratos, obrigando-se a Administração a creditar aos trabalhadores a quantia de 1.000\$00 mensais a partir de 1 de Janeiro de 1976.

A Administração também não aceitou esta proposta e apresentou uma contra-proposta em que aos trabalhadores seriam pagas tabelas mais altas se a empresa desse lucro.

Os trabalhadores não aceitaram a contra-proposta porque não podem estar à espera de sspatos de defunto, pois o preço das coisas de que necessitamos também não ficou à espera que nós tenhamos mais dinheiro, para subirem de preço. Assim foi aprovada em Plenário de Trabalhadores uma proposta no sentido das diferenças salariais que nos eram devidas serem juntas num "bolo" e divididas por todos os trabalhadores.

Neste Plenário os empregados de escritório não aceitaram esta proposta e retiraram-se dizendo que negociariam sozinhos com a Administração.

No dia 5/4/76 realizou-se novo Plenário em que foi aprovada por maioria, com apenas 5 votos contra e 9 abstenções, uma proposta que além de conter os pontos tratados no Plenário anterior (juntar o dinheiro no "bolo" e distribuí-lo igualmente) adoptava uma forma de luta e paralização progressiva de uma hora, a partir do dia 13, caso a Administração não aceitasse a nossa proposta. A Administração não aceitou e considerou ilegal e sem fundamento a proposta de greve.

E tudo isto, depois de andarmos mais de seis meses a tentar resolver o problema através do diálogo. E assim, neste momento, os trabalhadores da Miderâmica estão em greve progressiva, julgando ser a forma de luta mais adequada em face da recusa sistemática da Administração em cumprir a lei.

Apelamos pois para a vossa solidariedade expressa através de moções, telegramas e quaisquer outros meios que acheis mais convenientes.

VIVA A SOLIDARIEDADE ENTRE TRABALHADORES

camarada
a nossa sobrevi
vência está nas
tuas mãos

O jornal COMBATE é uma tribuna aberta à livre expressão de todos os trabalhadores e oprimidos em luta.

É também um meio pelo qual os trabalhadores podem trocar as suas experiências e aumentarem assim a sua organização autónoma no combate contra o capitalismo.

O COMBATE que se apoia somente nos trabalhadores, que não é órgão de nenhum partido ou grupo político, tem que lutar constantemente pela sua sobrevivência económica.

Dia a dia novos problemas económicos surgem: aumento das tarifas do correio, atrasos na distribuição e no pagamento da distribuidora, novos preços de impressão.

As nossas dívidas aumentam com a saída de cada jornal e poderão asfixiar-nos definitivamente.

PARA SOBREVIVERMOS PRECISAMOS DE POUCO MENOS 300 ASSINATURAS ATÉ AO FIM DE MAIO.

Se achas que o COMBATE tem a sua razão de ser na luta dos explorados e dos oprimidos, apoia-nos:

- TORNANDO-TE ASSINANTE;
- TORNANDO ASSINANTES OS TEUS AMIGOS E CAMARADAS.

CAMARADA:

Se queres colaborar na realização do jornal COMBATE, se queres discutir conosco os editoriais do jornal, se queres discutir o conteúdo do jornal, aparece às nossas reuniões: em Lisboa, todas as SEGUNDAS-FEIRAS ÀS 21,30 horas na LIVRARIA CONTRA A CORRENTE - Rua da ATALAIÁ, 204-206 (no Bairro Alto). Para qualquer outra informação podes telefonar para o número 371733.

ERRATA

No nosso último número no artigo da pag.8 "Para quebrar o isolamento imposto pela burguesia" na parte final, por lapso faltou um parágrafo. Repetimos, pois, aqui toda a última parte:

Das 12 páginas deste jornal operário, 10 são directamente dedicadas ao relato das mais diversas lutas operárias que se desenvolvem em França. É, sem dúvida, um jornal bem diferente daqueles a que estamos habituados, das tais vanguardas onde "uma equipa de especialistas faz artigos sobre as acções desencadeadas por outros trabalhadores". Aqui, são os próprios intervenientes que relatam e escrevem sobre as suas lutas e experiências.

Ainda no mesmo artigo há outro lapso que dificulta a compreensão: na segunda coluna, na parte final, deve ler-se:

É por isto que propusemos "Quest-Licenciamentos" jornal dos grevistas aberto a todos os trabalhadores em luta.

QUERO ASSINAR O COMBATE DESDE O N.º ...

1 ano (26 números) 96\$00
6 meses (13 números) 48\$00
Apoio (anual) 120\$00 mínimo
Europa (anual) 212\$00 por avião
USA (anual) 264\$00 por avião
Angola (anual) 216\$00 por avião

QUERO VENDER ... EXEMPLARES DO COMBATE

Junto envio\$...

(Todos os cheques e vales devem ser enviados em nome do director)

Transportes Estefânia: Situação actual

O COMBATE falou com um elemento da Comissão de Trabalhadores dos Transportes Estefânia, no dia 30 de Abril, que sobre a situação actual da empresa disse:

No dia 28 de Março de 1976, por despacho do Ministério dos Transportes e do Ministério das Finanças, foi nomeada uma Comissão de Gestão, composta por: um gestor do Estado e por quatro trabalhadores da empresa. Os quatro trabalhadores foram escolhidos em plenário e aceites, em princípio, pelo Ministério dos Transportes. Mais tarde o referido Ministério disse que só poderiam estar representados dois elementos e não quatro como anteriormente tinha referido, alegando desconhecimento da parte do Ministério nestes assuntos, por ser a primeira vez que tinha de resolver tais casos.

Os quatro trabalhadores eleitos pelos trabalhadores da empresa, em face do problema, escolheram entre eles dois elementos, mesmo nas instalações do Ministério - os dois escolhidos eram considerados entre eles como os mais activos.

A partir dessa data os trabalhadores recomeçaram o trabalho. Pelo decreto-lei nº697, ficou cancelado, durante noventa dias, qualquer aumento salarial. Durante este período de noventa dias verificou-se se a empresa é rentável ou não, e portanto se está em condições de garantir os aumentos salariais pedidos pelos trabalhadores, e que foi o motivo do início da luta.

O patrão continua suspenso.

Segundo os trabalhadores a empresa tem possibili-

dades de se aguentar se não houver boicotes, ou seja, clientes manobrados por más informações da parte do patrão, por exemplo.

FACTOS INÉDITOS NA ACTUAL SITUAÇÃO:

Após um mês de trabalho, pela primeira vez de há uns tempos para cá, conseguiu-se, às 16,30 horas, ter dinheiro suficiente (e dentro das instalações da empresa) para pagar os salários completos, contrariamente ao que acontecia no tempo do patrão.

Aconteceu, também, que pela primeira vez houve saldo positivo no banco, ao fim do mês.

Se o patrão regressar, após esta gerência transitória, os trabalhadores exigem:

- que sejam salvaguardados todos os postos de trabalho;
- que sejam feitos todos os pagamentos em atraso;
- que seja cumprida a Portaria dos Rodoviários.

Durante esta gerência transitória os trabalhadores têm desenvolvido esforços no melhoramento das condições de higiene e pensam agora melhorar os dormitórios. Dado que muitos problemas têm surgido ainda não houve tempo para outras coisas.

Segundo um membro da comissão de Trabalhadores era preferível que a empresa fosse definitivamente nacionalizada, porque haveria maior possibilidade de assegurar os postos de trabalho de todos os trabalhadores e ainda de não haver boicotes por parte das empresas que são clientes dos Transportes Estefânia.

rastafari e camponeses contra a opressão e exploração

O artigo que segue relata algumas lutas travadas na ilha DOMÍNICA. DOMÍNICA é uma das ilhas que pertence ao arco de ilhas que limita a leste o mar das Antilhas, desde a ponta da Florida (nos EUA) até à costa norte da Venezuela. A oeste, o mar das Antilhas é limitado pela costa ocidental da América Central. Estas ilhas incluem as Grandes Antilhas (Cuba, Haiti-República Dominicana, Porto Rico, etc.) e as Pequenas Antilhas a que pertence Dominica.

DESMOND TROTTER, com vinte anos de idade, está hoje na prisão com uma sentença de morte devido à sua participação no movimento de protesto dos desempregados, que foi lançado nas ilhas das Caraíbas no princípio dos anos setenta. Ele foi acusado de ter morto um turista branco americano, com base apenas nas declarações de uma rapariga de 16 anos da Antígua (ilha das Caraíbas também), que afirmava que Trotter lhe havia dito que teria matado um homem branco. Desde então o Tribunal considerou-o culpado, com o desatendimento apenas de um juiz. Hoje há um movimento para a libertação de Desmond Trotter nas Caraíbas e em comunidades de imigrantes no Canadá, na Inglaterra e nos Estados Unidos. Há um recurso final ao Privy Council em Londres (órgão judicial correspondente ao Supremo Tribunal da Justiça).

Transcrevemos a seguir as partes mais significativas de uma carta escrita por Desmond Trotter na prisão no dia 20/1/76, traduzida da revista RACE TODAY. Nesta carta Trotter descreve o aparecimento do movimento, bem como os ataques que o Estado lançou contra ele.

"... A partir dos finais de 1960, o povo dominicano tal como nas outras ilhas das Caraíbas, tornou-se cada vez mais consciente da sua origem, assim como da inutilidade do sistema sob o qual era forçado a viver.

Na tentativa de conseguirem uma alteração da situação, promoveram manifestações, comícios e reuniões. As mudanças que resultaram destes protestos, foram apenas superficiais. Daí que no início de 1970, as pessoas mais esclarecidas dentro da classe trabalhadora pensaram mudar a situação através do seu próprio esforço. Daí surgiu o movimento RASTAFARI.

O movimento RASTAFARI implantou-se principalmente entre os jovens que haviam abandonado as escolas e que não conseguiam encontrar qualquer meio de sobrevivência dentro do sistema, bem como entre os desempregados crónicos. O movimento RASTAFARI reforçava a auto-confiança e a auto-suficiência dos seus membros através do trabalho cooperativo da terra e seus recursos. O reconhecimento do africanismo humano e a ligação deste à vida quotidiana eram também enaltecidos.

A ideologia RASTAFARI preconizava ainda a necessidade dos seus membros se dedicarem à verdade e à justiça e de lutarem contra todas as formas de opressão, exploração e corrupção.

Este movimento é baseado na juventude cheia de vitalidade e pensamento criativo... De todas as partes do país, as pessoas começaram a dirigir-se a Zion, construindo barracas, limpando a terra e começando a trabalhar. O impacto disto sobre os camponeses foi tremendo, porque viram que havia amor entre as pessoas, o que faltava entre eles... As lutas dos camponeses começaram a tomar nova dimensão. Estes não se limitavam agora a ruminar os seus males mas começaram a agir.

Em Fevereiro de 1974, Grand Bay, no sul da ilha explodiu. A quinta de Geneva, com mil acres de extensão, propriedade de um comerciante sírio, com a terra mais fértil daquela área, foi ocupada pelos aldeões.

fizeram uma matança do gado, a casa do latifundiário foi queimada, os armazéns destruídos e porções de terra foram limpas para cultivo. Montaram barricadas e o povo começou a consolidar as suas conquistas. Foi logo declarado o "Estado de Emergência" na área, que foi simultaneamente invadida por grande número de "Forças da Defesa". Muitos desempregados foram presos, o povo foi expulso da terra e esta foi ocupada pelas forças armadas durante três meses, altura em que o governo a comprou.

Daí para a frente o governo lançou uma campanha de terror: perseguiram-se nas ruas grupos políticos, prenderam-se desempregados em Zion, destruíam as nossas baracas em qualquer ponto em que as encontrassem, saquearam os nossos alimentos, levaram-nos as ferramentas e queimaram roupas nossas. Muitos desempregados foram brutalmente atacados e nem os seus filhos foram poupados.

Um numero crescente de pessoas começou a exigir terra para cultivo e ao mesmo tempo a esforçar-se para satisfazer as suas necessidades básicas através da criatividade própria em vez de recorrer aos produtos cuja importação o regime impõe.

Babylon (o chefe do governo) não poderia admitir que esta luta continuasse sem interferência, pois ela representava uma ameaça constante à sua existência parasitária. Porque ela mostrava claramente as enormes injustiças na apropriação da terra dentro da ilha e a exploração dos comerciantes. Enquanto a maioria do povo continua desempregado, mais de um quarto da terra cultivável continua não explorada e uma porção ainda maior está na posse de quinze famílias. Noventa por cento dos alimentos são produzidos por pequenos agricultores que possuem menos de dois por cento da terra cultivável. Grande parte dos grandes plantadores é simultaneamente a maioria da classe comerciante... Babylon decretou a "Lei Dread" (através desta lei, qualquer pessoa que usasse os cabelos estilo RASTAFARI receberia pena de prisão e poderia ser assassinada por qualquer elemento civil da população. Esta lei fez com que os jovens RASTAFARI fugissem para as montanhas da Dominica, que se tornaram o campo de luta armada entre os jovens e as forças policiais locais, equipadas com armamento Britânico.



Protestos internacionais fizeram com que o governo desse uma amnistia de 38 dias aos "dreads", que consistia em oferecer reabilitação a todos os que oferecessem as suas armas.

A esta oferta não houve resposta, pois durante a dita "amnistia" a perseguição e brutalidade contra os jovens desempregados continuou, sobretudo nas pequenas aldeias da ilha. Na praia de Macoucherie, quando os moradores tentavam defender um jovem de um ataque policial, três foram presos e torturados. Um deles apanhou três meses de prisão.

Poucos dias antes do fim da amnistia, alguns jovens refugiados nas montanhas responderam ao primeiro ministro Patrick John, dizendo:

"... Não queremos incomodar ninguém na comunidade; tudo o que queremos é trabalhar a terra e ser deixados em paz, amor e unidade; queremos ter o direito de deixar crescer os nossos cabelos como desejarmos e não como o governo quer...

... O que existe nos jovens de Dominica é o desejo de trabalhar a terra livremente, como qualquer cidadão, e não sermos perseguidos pela polícia como escravos... O primeiro ministro na carta que nos escreveu disse-nos: 'Posso prometer que guardarei segredo dos vossos nomes se vocês se entregarem, meninos'.

Porque razão quer esconder os nossos nomes? Como cidadãos de Dominica, não somos pessoas violentas, não queremos nenhuma guerra, somente necessitamos de Amor e Unidade e juntamente com o povo trabalhar a terra.

Não somos assassinos nem fomentadores de guerras, nem perseguidores, nem combatentes do Poder Negro. Mas homens pacíficos, homens com amor, homens que querem trabalhar a terra e unirem-se para desenvolver o país que é nosso."

Neste ambiente, as reuniões organizadas pelo movimento de oposição para uma Nova Dominica (MND) juntavam muita gente, protestando contra a violação dos direitos humanos e constitucionais da população. O Movimento para uma Nova Dominica não podia realizar manifestações sob o pretexto de que isso acarretaria a "desordem civil" e a "quebra da paz". As reuniões foram invadidas pela polícia, que destruiu alti-falantes, os microfones, e estava armada até aos dentes, com equipamento especial do mais moderno contra distúrbios. Mesmo assim a multidão enfrentava a polícia que se via obrigada a recuar.)

Desmond Trotter dizia na sua carta mais à frente:

"A 'Lei dread' deu-lhes poder para matar pelo simples facto de serem RASTAFARI

Cont. Pag. 6

